

# PRÁTICAS INFOCULTURAIS EM BIBLIOTECAS

artigo de revisão

Joana Coeli Ribeiro Garcia\*

Edison Ferreira de Macedo\*\*

Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira\*\*\*

## RESUMO

Apresenta práticas infoculturais institucionalizadas em bibliotecas, destacando mecanismos de gestão, funcionalidade, acessibilidade e formas de atendimento aos usuários, indicativas de mudanças, ocorridas ou desejadas, no tempo e no espaço. O artigo utiliza revisão de literatura sistemática com foco em pesquisa e ações práticas, apresentando-os segundo convergem ou divergem da temática sem centrar em países ou instituições, embora estes sejam nomeados sempre que necessário. As análises teórico/metodológicas constataam a existência de ações diversificadas e levam a refletir as mutações na dinâmica do processo cultural em sua diversidade, desde os que ainda merecem cuidados até os exitosos. Espera-se que as experiências possam ser seguidas das adequações necessárias; que o sonho de se encontrar em todas as bibliotecas práticas que proporcionem a mudança de indivíduos em cidadãos seja uma constante; e que se disponha de bibliotecas efervescentes em ações, retirando a Biblioteconomia e o bibliotecário tradicional do anonimato. Em suma, que o sonho se torne realidade.

**Palavras-chave:** Práticas informacionais. Práticas culturais. Responsabilidade social - bibliotecas.

\* Doutora em Ciência da Informação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil. Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba, Brasil.  
E-mail: nacoeli@gmail.com.

\*\* Doutor em História pela Universidade Federal da Paraíba, Brasil. Bolsista Capes no Pós-Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba, Brasil.  
E-mail: emacedo@hotmail.fr.

\*\*\* Doutora em Letras pela Universidade Federal da Paraíba, Brasil. Docente permanente no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba, Brasil.  
E-mail: bernardinafreire@gmail.com.

## I CONTEXTUALIZANDO AS PRÁTICAS

Área em que o estudo se realiza é a Ciência da Informação conceituada pelas conferências do *Georgia Institute of Technology*, dos Estados Unidos da América, realizadas nos anos 1961 e 1962, como “[...] ciência que investiga as propriedades e o comportamento da informação, as forças que governam o fluxo da informação e os meios de processar a informação para ótimo acesso e uso”. Acrescenta que “[...] o processo inclui origem, disseminação, coleção, organização, estocagem, recuperação, interpretação e uso da informação” (TAYLOR, 1966, p.19).

Nessas conferências estiveram presentes bibliotecários, diretores de bibliotecas e pessoas interessadas no equipamento acadêmico e cultural e em ciência e tecnologia. Primordialmente as conferências objetivam

qualificar pessoal com vistas ao manuseio de informações técnicas, mas também apresentam conotações teóricas e antropológicas ao se voltar à redefinição da cultura no trato com informação e suas formas de comunicação (CROSLAND, 1962; TAYLOR, 1966; GARCIA, 2002).

Importa notar que próximo desses acontecimentos, em 1966, mas geograficamente distante, na Índia, A. K. Mukherjee publica uma obra sobre a filosofia e a história da Biblioteconomia. Na apresentação do livro, Shiyali Ramamrita Ranganathan (1892-1972) afirma que a biblioteca deve ser reconhecida como um centro de socialização de livros. Para Mukherjee (1966), essa função social carrega consigo a percepção de biblioteca relacionada à sociedade e ao grupo social no qual o homem se insere.

Tal função, quando aplicada à biblioteca, necessita estar relacionada aos aspectos relativos

ao produtor (autores e publicadores), ao distribuidor (editor e/ou livraria), ao disseminador (biblioteca) e finalmente ao consumidor (os leitores) e deveria ainda considerar as necessidades estruturais do homem. Na transposição do sistema autocrático para a ideologia de obrigações sociais, Mukherjee (1966) admite que o homem revele expectativas de: se autogovernar; ser amado; informado; generoso; tolerante; reverente; imaginativo; tenha padrão de beleza; seja campeão de liberdade; seja cidadão do mundo; desejoso de um mundo melhor e de viver neste mundo.

São temáticas que compõem funções sociais que, de forma individual ou coletiva quando atribuídas a instituições estatais e privadas através dos diversos tipos de bibliotecas, devem ser perseguidas para atender aos leitores e consideradas como responsabilidade social, termo que o próprio Mukherjee (1966) denomina e conceitua. São, por outro lado, razões indicadoras de que estudar as práticas culturais desenvolvidas por instituições, sendo ou não bibliotecas, situa-se na CI e amplia compromissos e funções para com a sociedade. Exemplificado pela pesquisa desenvolvida por Macedo e Garcia (2012) ao estudarem práticas culturais em instituições como Arquivo Eclesiástico, Empresa de Energia, Jardim Botânico, dentre outras.

Araújo (2011) reforça nosso entendimento ao estudar as condições de integração disciplinar e paradigmática da CI com a Biblioteconomia, afirmando que as atividades culturais humanas estiveram ligadas a este campo do conhecimento como ação de interpretar o mundo e de produzir registros em qualquer tipo de suporte físico.

As bibliotecas surgiram nos palácios reais e nos mosteiros e, posteriormente, quando o ensino se democratizou surgiram as bibliotecas públicas e especializadas com objetivos distintos, em comum o tímido desejo de fazer circular entre os leitores os acervos que estocavam. As ideias de visionários e a disseminação da informação aliadas aos vários tipos de bibliotecas, nos conduziram ao ponto em que nos encontramos. Contamos, com a possibilidade de localizar quase tudo que se deseja conhecer, ler, pesquisar ou, segundo as palavras de Gandel (2005), as bibliotecas transformaram-se num incrível mundo digital.

O que não significa que as existentes que dispunham de suportes diversos tenham sido descartadas. Bem ao contrário, elas ampliaram seus acervos, incluindo coleções nos novos formatos, usando a tecnologia como fermento.

Contam com textos em papel e tinta relativos aos tempos distantes e, com a possibilidade de disponibilizar digitalmente as obras difíceis de serem localizadas e as que foram produzidas nessa mídia. Nelas, incluíram-se os *coffee shops* e espaços de acesso à informação. O autor é ainda mais enfático ao afirmar que as bibliotecas estão mais organizadas do que há trinta anos e os bibliotecários repensam sistemas mais ágeis.

No entanto, como lembra Moura (2011), a digitalização da informação e sua associação às telecomunicações e aos processos de globalização tornaram possíveis a mobilidade e a circulação de bens e ideias, incidindo sobre os processos de formação humana, porém ainda é enorme o fosso entre a comunidade virtual e os excluídos informacionais.

Para Braman (2008), o poder da informação domina e muda a sua natureza, seu instrumental, a estrutura e as formas simbólicas, de tal sorte que as bibliotecas de hoje oferecem simultaneamente instrumentos que os governos e outras entidades podem usar no exercício do poder. E a autora continua: as mudanças não são somente na biblioteca, algumas delas envolvem a necessidade de entender como responder a interações entre categorias socioeconômicas, informacionais e de envolvimento digital.

Assim, o artigo objetiva integrar resultados e generalizá-los a partir de citações selecionadas, enfatizando produção, divulgação e disseminação de práticas culturais ou informacionais, indicativas de mudanças no tempo e no espaço. Para atender a esse objetivo, adotamos a revisão de literatura sistemática com foco em resultados e aplicações práticas, quando fosse o caso, apresentando-os segundo convergem ou divergem do esperado sem que o foco se centre em países ou instituições, embora estes sejam nomeados nas ocasiões e situações devidas. De outra parte, nos conduziram ao levantamento bibliográfico em bibliotecas que adotam tais práticas, começando a se delinear quando fomos brindados por uma avaliação de texto enviado à publicação. O tempo decorrido desde então se deve à ampliação da literatura. Ele vem a lume, com os registros de peñhor a quem nos instigou a escrevê-lo.

## 2 CONCEITUANDO PRÁTICAS INFOCULTURAIS

Ao indicar a origem das bibliotecas no sentido genérico, sem defini-las,

propositadamente deixamos de estabelecer tipologia, também sem privilegiar categorias profissionais, entendendo que todas elas exercem atividades que visam a sanar necessidades, aos anseios e às demandas dos usuários e, por via de consequência, aos componentes da esfera social. E o fazem tendo em vista as ações que seus profissionais desempenham. Minimamente, habitam-se no sentido positivo (adotam uma sistemática de etapas para realização das atividades) e no sentido negativo (resistem à quebra de rotinas que constituem o cotidiano com as quais estão habituados), mantendo atitudes que visam ao atendimento da missão, visão, valores, objetivos, metas e funções associadas à responsabilidade ética, social e profissional constitutivas da cultura organizacional.

E, não apenas como atribuição da estrutura de coleta e organização de materiais informacionais, mas por meio de atividades diversificadas que construam uma atmosfera propícia ao exercício da imaginação e da criatividade. Devem contribuir para o exercício das práticas educativas, como esfera que comporta grandes potencialidades pedagógicas, sem pretensões de substituir a escola. Ressalte-se que as bibliotecas de uma forma geral, contrariamente ao que diz Silveira e Reis (2011), ao referir-se às públicas, todas, sem exceção, devem executá-las.

Dentre as várias atribuições das bibliotecas, Bertrand (1994) afirma que, no mundo contemporâneo, elas se consolidam como um espaço de socialização, de confrontação e dualismo: antigo / moderno; escrito / numérico; trabalho / lazer; solidão / coletividade; etc. Melot (2004) assinala que antes da revolução numérica, os bibliotecários pensaram ter construído as bibliotecas como casas de livros, chamando atenção para a importância de serem pensadas também como casas dos homens.

Pesquisas sociológicas, na França, desenvolvidas na última década, mostram que o aspecto exterior e a recepção das bibliotecas influenciam pouco os usuários. As discussões entre bibliotecários privilegiam a recepção do leitor dentro do espaço de interação usuário / bibliotecários, que pode ocorrer virtualmente. E essa relação importa a quem disponibiliza a informação para estar certo de se aproximar da necessidade de quem a demanda. A gestão do espaço eletrônico não aparece imediatamente como sujeito social, capaz de revolucionar as

redes de difusão da informação, do conhecimento ou não, mas, sobretudo, como modos de produção (SYREN, 2007).

Potencialidades que nos permitem caracterizá-las como um lugar de práticas internas e práticas que se voltam para o exterior, extrapolando ambientes físicos, isto é, práticas culturais e informacionais, ou infoculturais. Quando se trata, tão somente, de atender a necessidades de informação, as bibliotecas dispõem hoje de aliados por meio da proliferação de conteúdos em mídias virtuais ou eletrônicas que, se de uma parte ajudam-nas a localizar a informação com maior rapidez, por outra, transformam-se em suas concorrentes tendo em vista que, para a grande maioria de leitores e usuários de serviços, dispensam a ida ao espaço físico da biblioteca. É a quebra do paradigma do acervo, substituído pelo paradigma do acesso.

Freire (1999), após indicar definições dicionarizadas (ABBAGNANO, 1982; FERREIRA, 1993) e autores como Marteleto (1992) e Gramsci (1991), decide-se pelo conceito de Holliday (1995, p.65), para quem a prática é uma “[...] maneira de viver nossa cotidianidade, com toda a subjetividade de nosso ser pessoas, que é muito mais que só o que fazemos, e que inclui, portanto, o que pensamos, intuímos, sentimos, cremos, sonhamos, esperamos e queremos”. E origina a cultura que, segundo Chauí (1997), tem origem no verbo *colere*, significando cultivar, criar, e ainda, cuidado com a alma, o corpo das crianças, com sua educação e formação para tornarem-se membros da sociedade pelo refinamento das qualidades naturais.

Entre os demais conceitos, cultura é a ação produtiva e eficaz do homem em harmonia com a natureza e, ao mesmo tempo, com povos, nações, sociedades e grupos humanos. É, como afirma Cananéa (2011), produto da atividade humana, mais que isso, do processo e do modo como esse produto é elaborado.

Assim, práticas culturais são entendidas como manifestações simbólicas concebidas por um indivíduo ou por uma sociedade para atribuir olhares interpretativos sobre o mundo que os cerca. Por sua vez, a informação participa desse universo, enriquece as experiências de vida humana e propicia a participação consciente e crítica dos sujeitos nos seus respectivos universos culturais.

Resultante dessa interseção, a prática infocultural vincula-se à estrutura social e se

mantém na medida em que a cultura é aceita, reproduzida, reelaborada para atender a características de permanência, e se modifica ao se modificarem as condições histórico-sociais no âmbito das quais é produzida. Nesse sentido, as bibliotecas, como depositárias de informações dos tempos ancestrais aos atuais, necessitam atentar ao que foi preconizado por Silveira e Reis, (2011) para que se mantenham atuantes e reconhecidas pela sociedade.

Isto porque, de acordo com Santos (1986), cultura é construção histórica, seja como concepção, seja como dimensão do processo social. Sua ação e sua dinâmica não decorrem de leis físicas ou biológicas, é produto coletivo da vida humana. Ainda que existam desigualdades em um mesmo espaço, se considerarmos o poder social dos indivíduos ou de grupos, segundo sua participação em meio à escala social, as diferenças revelam-se quanto às possibilidades de acesso ao poder social monopolizado pelos segmentos superiores da sociedade.

os talentos excepcionais, as personalidades fortemente marcadas entre os representantes de grupos mais fracos não podem se desenvolver, ou se podem eles farão em meio a uma direção que será considerada apenas como 'associal' do ponto de vista da estrutura social existente" (ELIAS, 1991, p.94).

Bibliotecas, arquivos e museus são instituições, cuja origem se confunde com a ideia de cultura, que, desde a Antiguidade, se preocupam com a preservação e transmissão das experiências e informações acumuladas. Isso implica tipologias de mídias para seus registros, resultando em preservação das memórias e da cultura (ARAÚJO, 2010).

Almeida e Vasconcelos (2001) mostram o potencial reservado ao acervo cultural, permitindo concretizar mensagens e ideias, comunicar e informar os resultados da produção das diversificadas áreas. Consideram, por outro lado, que a ação se centre, dentre outras em exposições, e que as instituições sejam os suportes essenciais que permitam aproximar a relação com o público em geral por meio de uma gama diversificada de atividades.

Nesse sentido, a partir das ideias e concepções acerca da função sócio-educativa-cultural, as instituições passam a ser percebidas como espaços de práticas infoculturais diversas

e em constantes alternâncias, objetivando a criação e a ampliação do conhecimento em sua temporalidade. A criação e desenvolvimento de políticas públicas nas instâncias governamentais representam essencial papel para a viabilização de projetos tendo como metas o intercâmbio do patrimônio cultural.

### 3 APRESENTANDO AS PRÁTICAS INFOCULTURAIS

Reunir e descrever o que se considera práticas infoculturais, apresentar como elas se manifestam nas experiências do cotidiano vivenciadas globalmente é a que nos propomos a partir desse item. Lógico que a despeito de denominações várias, elas são ações/produtos/serviços desenvolvidos por profissionais, convencionados como "Serviço de Referência (SR) e Atendimento aos Leitores", de acordo com a denominação dada por Martins e Ribeiro (1972) em livro emblemático, ou como preferirmos, porquanto "[...] cada palavra e cada livro carrega consigo duas marcas indelévels e distintas: a daqueles que lhes atribuiu um sopro de vida, e também aquelas concebidas por algum de seus inúmeros leitores" (SILVEIRA; REIS, 2011, p.38).

#### 3.1 Serviço de Referência no Espaço Virtual

Villavicencio (2012) compara atividades do SR presencial e virtual de bibliotecas públicas e universitárias. As instituições estão localizadas tanto na Europa quanto em localidades, a exemplo de Oberlin-Ohio, Wisconsin e Los Angeles - EUA. O SR é um serviço que orienta no uso de fontes de informação e na realização de buscas nas bibliotecas, e a grande maioria delas o possui. A citada autora percebe diminuição no uso do serviço, supondo que as causas estejam na insatisfação por utilidade duvidosa ou por inabilidade de relações do bibliotecário, ou ainda por inadequação à realidade virtual (SIQUEIRA, 2010). Essas pressuposições são acrescidas pela competição que, segundo Langan (2012), as bibliotecas enfrentam com o *Google*, *Amazon*, *Facebook*, *Wikipedia* ou *Twitter*, ademais com a situação econômica, incidindo em cortes de orçamentos. Braman (2008) é enfática, ao referir que os governos criam bibliotecas, mas



não oferecem as condições mínimas para elas subsistirem e solucionarem a miríade legal gerada pelas tecnologias digitais no nível operacional.

Além dos limites físicos da biblioteca, há bibliotecários atendendo virtualmente usuários que se encontram em bares, salas de estudo, em passeios, e em eventos; o telefone móvel, o *iPad*, o *chat* e as redes sociais, usadas inclusive pelos SR, aumentam as possibilidades de atendimento de informação, no entanto encontram-se pouco integradas ao serviço, como faz crer pela divulgação de sua pesquisa, (VILLAVICENCIO, 2012).

Gomes, Prudêncio e Conceição (2010), em pesquisa com mais ou menos 970 bibliotecas universitárias federais e estaduais brasileiras, incluem aspectos como existência de *sites*, divulgação do acervo, comunicação por meio de dispositivos de comunicação na *web* (fale conosco, fórum de discussão, *twitter*, *blog*) e oferta de apoio à leitura e escrita. Eles concluíram pela aderência lenta ao uso da *web*, o que minimiza a missão das bibliotecas de acesso à informação e de fraco aproveitamento do espaço virtual, contrariamente à substituição do paradigma do acervo pelo acesso, conforme Siqueira (2010), embora tenha crescido o número de *sites* de bibliotecas com vínculo aos Estados.

Essa situação reforça a denúncia feita por Scolari (2012) de que a universidade de forma generalizada teve uma reação refratária, não tanto à tecnologia, mas à nova pedagogia que as plataformas colaborativas trouxeram. Oferecendo explicação, ele diz que ser pesquisador entre os Séculos XX e XXI não é fácil, embora seja tão emocionante quanto deve ter sido pintor em Florença no Século XV ou engenheiro em Birmingham no Século XIX. Porém ser pesquisador numa instituição que coloque a sua disposição um *personal librarian* já minimiza a emoção citada anteriormente, ou aumenta-a pelas possibilidades que proporciona.

### 3.2 Personal Librarian

Também nas bibliotecas universitárias ocorrem experiências dignas de serem apresentadas. Em Texas Tech University, o bibliotecário se apresenta aos estudantes como *personal librarian*; e nas universidades de Yale e Drexel, cada estudante tem um *personal librarian* (KILZER, 2011). São serviços que,

pela individualidade das questões do usuário relatadas ao bibliotecário, quebram a privacidade do cliente e o “[...] anonimato da biblioteconomia tradicional” (VILLAVICENCIO, 2012, p.571), com ganhos em visibilidade, tempestividade e serviços personalizados, facilmente identificados. Porém, Mon e Harris (2012) questionam se as organizações estão dispostas a esta mudança que eles julgam necessária, mas onerosa em primeiro lugar e, em segundo, sem precedentes porquanto alteram a cultura organizacional.

São universidades dedicadas à área tecnológica, à engenharia médica e às áreas assemelhadas. Nelas as pesquisas realizadas por professores e estudantes devem mesmo ser privadas ou privativas porque podem reverter em patente e aumento dos recursos e renome para as instituições. Por outro lado, concordamos com Mon e Harris (2012), não tanto pela mutação na cultura interna, mas pela possibilidade de qualquer pesquisador dispor de um bibliotecário que realize buscas bibliográficas, sintetize documentos e deixe os acadêmicos livres para usar o conhecimento em prol do desenvolvimento da ciência. Isto é, sem sombra de dúvidas, um luxo ímpar que muitas outras bibliotecas estão longe de possuir.

### 3.3 Community Information Center para as Bibliotecas Públicas

Se as bibliotecas universitárias são consideradas sempre as melhores aquinhoadas, e o descrito nem é tão promissor, vejamos o que ocorre com a Biblioteca Pública. Ao menos na Espanha estas primam por exercer a função cultural e recreativa para crianças e adolescentes, inclusive mantendo um setor com obras locais. Seu desafio, entretanto, é transformar-se em centro de informação e de conhecimento para oferecer informação que atenda às necessidades da comunidade e por via de consequência que esta logre integração (DIAZ, 2002) nos moldes do que é utilizado pelas bibliotecas públicas anglo-saxônicas que dispõem de *Community Information Center* (CIC) ou *Community Information Service* (CIS).

Nelas pretende-se via *internet* o uso de informações práticas e de serviços em linha, especialmente com a administração local, regional e nacional, dirigidos à comunidade, além dos serviços que são ofertados por instituições, associações e empresas variadas. Na realidade, a autora

propõe que se responda a três perguntas básicas com a criação do novo serviço: que tipo de informação a comunidade necessita? Que produtos ou serviços a comunidade dispõe para atender as demandas? Que serviços podem ser melhorados com a colaboração da biblioteca e qual a expectativa para a criação desses novos serviços?

Também são três os questionamentos com que Betancur e Zapata (2001) se dirigem à América Latina e em especial à Colômbia para garantir uma gestão de informação cidadã e comunitária dentro da biblioteca pública. Qual é a história latino-americana que poderia ser tema da informação comunitária? Que ideia a comunidade local tem sobre serviços de informação comunitária? No que implicaria ao projeto bibliotecário público uma perspectiva de responsabilidade histórica e política ao assumir processos de apoio ao desenvolvimento da cidadania e a identidades latino-americanas? O texto é provocativo, e as autoras fazem as perguntas quase ao concluí-lo, invertendo-o, apresentando as questões antecipadamente. Elas são sabedoras de que a construção de um lugar visível para a biblioteca pública tem sido e continuará a ser árdua e complexa. Mas acreditam na possibilidade de ação social de tais bibliotecas como instituições que transcendam ao empréstimo de livros e de realização de espetáculos artísticos. São ideias que quicá retirem a “Biblioteconomia tradicional do anonimato” (VILLAVICENCIO, 2012, p.571), passando a ser valorizada também nos rincões latino-americanos, nos moldes do que os espanhóis também pensam e a que se referem.

As autoras acreditam numa biblioteca que **antes** de tomar decisões esteja disposta a obter a informação gerada pela comunidade. Que atue **durante** a tomada de decisão, exigindo uma biblioteca integrada aos fluxos de informação em permanente interação com os grupos organizados e com as instituições públicas e privadas que trabalham com a comunidade e que a beneficie a partir das decisões. E **depois** das decisões tomadas a biblioteca recupere, organize e difunda a informação geralmente publicada para que se converta na memória da ação social. Somente assim a América Latina disporá de Serviços de Informação à Comunidade. Ao colocar esses três momentos, elas lembram que a biblioteca pública atua considerando este último, esquecendo os anteriores (BETANCUR; ZAPATA, 2001).

Uma pesquisa realizada no Estado da Flórida, em 2000, objetivou conhecer os impactos econômicos das bibliotecas públicas promovidos pelos contatos dos usuários com tais bibliotecas. Em outras palavras, pretenderam conhecer a busca por informação ou sobre a utilização do SR. Segundo McClure, Fraser, Nelson e Robbins (2000), os impactos são numerosos, variados e complexos, contribuindo com benefícios, com o bem-estar financeiro e para o comércio local. As bibliotecas provêm acesso à informação financeira, a emprego, à tecnologia e a serviços computacionais, a suporte educacional e a serviços públicos úteis à subsistência da comunidade. Há patrocinadores para empréstimos de materiais não impressos tais como áudio books e *videotapes* que ajudam os usuários a economizar. Assim, contabiliza-se dupla natureza do benefício econômico: em primeiro lugar, os usuários economizam com o custo de aquisição desses itens e, segundo, muitos têm sido mais capazes de gerir os seus bens como resultados das informações.

E há benefícios indiretos da pesquisa. Os indivíduos aprimoram suas habilidades profissionais e aumentam o valor do trabalho para seus empregadores. Atividades específicas também foram contabilizadas como benefícios indiretos, tais como a disponibilidade de salas de reuniões para grupos de serviços, em que discutiram como realizar a missão revertendo em economia para o grupo (McCLURE; FRASER; NELSON; ROBBINS; 2000).

### 3.4 Bibliotecários em ação

Retoma-se o texto de Scolari (2012), ao comparar os meios de comunicação anteriores ao Século XXI exatamente para apresentar uma prática infocultural exitosa, utilizando rádio, tv, telefone, jornal etc. Ele diz que antes as pessoas dedicavam muito tempo a um punhado de meios enquanto hoje, ao contrário, dedica-se pouco tempo a muitos meios. Ainda que os meios de hoje possam parecer mais eficientes, é importante conhecer o que foi feito em Fairbanks – Alaska, em uma biblioteca cuja construção data de 1906. Após 12 patronos, a edificação encontrava-se em péssimo estado.

Alguns bibliotecários reuniram-se em associação e resolveram agir. Estabeleceram comitês de divulgação de projetos de curta

e longa duração, dirigidos à comunidade, utilizando o rádio para divulgar resumos e resenhas de livros; colocaram fotos da biblioteca em jornais; escreveram colunas sobre livros na edição do *Jessen's Daily*; escreveram, em sistema rotativo, cartas aos legisladores sobre o orçamento da biblioteca; ato seguinte às lideranças comunitárias convidaram os legisladores, uma vez por ano, a um banquete anual para conhecer as potencialidades da biblioteca e seus problemas; produziram filmes e *clips* indicando o que podia ser usado durante cada ano; no aeroporto, promoveram exposições de *best-sellers* do Século XX, durante a Semana Nacional da Biblioteca; divulgaram uma lista de livros de autores do Alasca; em cada chamada telefônica, havia um convite para visitar a biblioteca, com duração de cinco segundos; os Membros da Municipalidade foram convidados e participavam das comissões da biblioteca; os cidadãos ajudavam a ampliar o orçamento enquanto amigos da biblioteca, com contribuições anuais; livros eram divulgados nos jornais, a cada semana; enviavam sistematicamente convites aos cidadãos para discussões em encontros na biblioteca (SHERMAN, 1992).

Finalmente a notícia extraordinária: a biblioteca foi reconstruída. Imaginemos se esses bibliotecários dispusessem de meios como *web*, redes sociais, *blogs*, dispositivos móveis, *twitter* etc. etc. e continuassem com a disposição anterior o que realizariam.

### 3.5 Outras formas de “homens livro”

Ao pensarmos nos “homens livro” de Bradbury (1963), em *Fahrenheit 451*, como possibilidade dos contadores de história, para despistar um sistema político totalitário ou para guarda e manutenção das memórias, atualizamo-los, utilizando diferentes inovações tecnológicas para fazê-los retornar a vida, pelo prisma da numerização usando *tablets*, *ipads*, *ipods* etc.

Na Europa, editores e autores reinventam outras formas. Investindo numa forma oral de leitura, o conto oral ganha espaço através de associações de contadores na França (LEBERT; BONNIEL, 2000). As fitas cassetes de textos gravados de outrora cederam lugar aos *compact disc* (cd) a exemplo da coleção “Audiolib” que se encontra facilmente em livrarias e bibliotecas, heran-

ça do impacto radiofônico sobre a literatura desde os anos 1945, e que podiam ser chamados de “*les hommes livres*” ou de “*men books*”. Possibilidades para pessoas que não leem por falta de visão, por falta de alfabetização, porque se encontram em hospitais sem acompanhantes, para exercitar a memória. Responsabilidade social para quantos se envolvem com a leitura, sua produção, divulgação e meios para tornar a vida melhor de minorias ou de homens, mulheres e crianças que ainda não encontraram esse lazer ou prazer.

A hora é dar voz aos autores, investindo na forma híbrida entre o vídeo e o texto. Os *Vooks* que propõem ao leitor alternar a leitura do texto com curtas sequências de vídeos ou músicas em uma sincronia de narração (LARDELLIER; MELOT, 2007). Escritores de romances como Anne Rice escolheu uma versão *Vooks* para um de seus romances. Para a autora, foi gratificante a transformação tecnológica de sua obra que renasceu através de um novo suporte de leitura, o [www.audiolib.fr](http://www.audiolib.fr).

### 3.6 Bibliotecas comerciais

Aqui uma prática diversa para os tempos globalizados, entretanto as referências justificam. C. W. Black, o autor dos artigos (1970, 1973), foi convidado a participar de pesquisa realizada pela Associação Internacional de Bibliotecas em Metrôpoles (INTAMEL). Ele preparou um questionário, discutido em evento ocorrido no Japão, para identificar a situação dos sistemas de bibliotecas comerciais. Tal questionário foi enviado a 93 bibliotecas em 29 países e as respostas vieram de 41 bibliotecas de 15 países. A quantidade de não resposta impediu uma avaliação mais acurada, mas ainda assim os dados revelam que a mais antiga foi criada em 1735 e esta foi em 1849 considerada o modelo do que uma biblioteca comercial deveria ser; em 1845 foi criada a *Bibliothèque de la Chambre de Commerce et d'Industrie de Bordeaux*, pela denominação supõe-se ser forte na área vinícola; a mais recente, criada em 1932 é a biblioteca do Comércio e Economia – Edinburg, porém encerrada em 1958.

A obra mais significativa nessas bibliotecas são os diretórios (obras com informações sobre diversos aspectos) locais e do exterior, mas as quantidades que fazem parte das coleções variam

de país a país, de 25 a 6194. As técnicas de estocagem impedem discernir qualquer padrão comum. Máquinas fotocopadoras e o telex são os equipamentos disponíveis para facilitar os serviços, estabelecendo comunicações entre países. A ideia de bibliotecas oferecendo suporte ao comércio, ao mercado e à indústria é muito mais avançada do que sua operacionalização.

Como se verifica, as práticas culturais especiais e atualizadas utilizando as tecnologias de informação e comunicação e na *web* ainda não obtiveram o devido registro. Acredita-se que, em virtude das temáticas e dos acervos de informações que mantêm, a tendência para essas bibliotecas deveria ser transformarem-se em bibliotecas públicas com práticas nos moldes das que o Estado da Flórida adota.

#### 4 EM SÍNTESE...

Com essa descrição sobre o que se realiza em termos de experiências infoculturais, de um lado estamos replicando resultados de pesquisas que apresentam aplicações práticas específicas para vencer situações de desconforto nas bibliotecas e, de outro, apresentando como podem utilizar a inovação tecnológica para seu benefício.

Não temos ilusões sobre facilidades a realizar ou dificuldades a vencer. Não temos ilusões sobre a democratização de todos os serviços bibliotecários para todos, menos ainda sobre as

disparidades econômicas sociais e culturais dos países que aqui foram nomeados. Se assim fosse, estaríamos discordando de nossas próprias ideias e dos autores que se dedicam ao estudo das identidades/diversidades e que refletem sobre os regimes políticos de informação.

Esta revisão de literatura proporcionou o encontro com autores que veem benefícios econômicos pelo acesso a informações e disponibilidade de serviços; ampliação pelo uso da *web* de buscas referenciais; funções atualizadas para os profissionais da informação; descobertas de que o passado pode ser revivido por meio de tecnologias atuais; utilização de experiências tradicionais quando a situação exigir, dentre outras mencionadas.

Mas o que fica mais patente é a inversão do anonimato da biblioteconomia tradicional pela utilização das diversas mídias para divulgar a biblioteca e integrar aqueles que necessitam ampliar seus conhecimentos ou viver como cidadãos dignos. O que fica patente continua sendo o desejo de que as experiências se realizem seguidas das adequações necessárias; que o sonho de se encontrar em todas as bibliotecas práticas que proporcionem a mudança de indivíduos em cidadãos seja constante; e que se disponham de bibliotecas efervescentes em ações.

Em suma, trata-se do desejo de que o sonho se torne realidade. Exatamente porque, como afirmam Betancur e Zapata (2001, p.15), é também nosso sentimento: "En nuestros sueños viven los sueños de las sangres de continentes tan distintos como cercanos entre si."

#### INFOCULTURAL PRACTICES IN LIBRARIES

##### ABSTRACT

*This study presents results of info-cultural practices institutionalized in libraries by highlighting management, functionality and accessibility mechanisms and ways of serving the users which are indicative of changes, either occurred or desired ones, in time and space. Therefore, based on surveys in libraries, worldwide, that adopt such practices, the study uses systematic literature review with focus on research and practical actions by presenting them, as they converge or diverge from the issue, without centering on countries or institutions, though these are mentioned whenever necessary. The theoretical and methodological analyses realize the existence of diversified actions and they lead to reflecting the changes related to the dynamics of the cultural process in its diversity, from those which still need attention to the successful ones. It is expected that the experiences can be adopted, followed by the necessary adjustments; that the dream to find practices that promote change from individuals into citizens, in every library, be constant; and, finally, that libraries full of effervescent actions are available in order to take away from anonymity both the Librarianship and the traditional librarian. In summary, that the dream can become true.*

**Keywords:** *Informational practices. Cultural practices. Social responsibility - libraries.*

---

Artigo recebido em 06/04/2015 e aceito para publicação em 05/06/2015

---



## REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. 2.ed. São Paulo: Mestre Jou, 1982.
- ALMEIDA, M. A.; VASCONCELOS, C. M. Por que visitar museus. In: BITTENCOUT, C. (Org). **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2001.
- ARAÚJO, C. A. A. Ciência da informação como campo integrador para as áreas de bibliotecologia, arquivologia y museologia. **Inf.**, Londrina, v.15, n.1, p.173-189, jan. / jun. 2010
- ARAÚJO, C. A. A. Condições teóricas para a integração epistemológica da Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia na Ciência da Informação. In: **CID: R. CI. Inf. e Doc.**, Ribeirão Preto, v.2, n.2, p.19-41, jul. / dez. 2011.
- BERTRAND, A. M. **Les bibliothèques municipales: acteurs et enjeux**. Paris: Cercle de la Librairie, 1994.
- BETANCUR, A. M. B.; ZAPATA, D.A. Servicios de informacion ciudadanos y comunitarios: nuevos sentidos para las bibliotecas públicas. **Rev. Interam. Bibliot. Medellin** (Colombia) v.24, n.2, p.13-24, jul./dic. 2001.
- BLACK, C. K. Intamel meeting, Japan, 1970: general studies. **Int. Libr. Rev.** v.2, 1970, p.485-492.
- \_\_\_\_\_. Intamel working party, Italy, 1972: research studies. **Int. Libr. Rev.** v.5, 1972, p.95-98.
- BRADBURY, R. **Fahrenheit 451**. [s.l.]: Magazine of Fantasy and Science Fiction, 1963.
- BRAMAN, S. Theorizing the impact of IT on library-state relations. In: ÇECKIE, G. & BUSCHMAN, J. **Information technology in librarianship: critical approaches**. Westport, CT: Libraries Unlimited, 2008.
- CANANÉA, F. A. A. **O mar e a jangada**: política cultural e extensão universitária. João Pessoa: Ed. UFPB, 2011.
- CHAUÍ, M. **Convite a Filosofia**. 8 ed. São Paulo: Ática, 1997.
- CROSLAND, D. M. Georgia Tech and the NSF study grant for training personnel for scientific and technical libraries. **Special Library**, p. 590-594, dec. 1962.
- \_\_\_\_\_. Introduction. In: CONFERENCES ON TRAINING SCIENCE INFORMATION SPECIALISTS, 12-13 October 1961, Atlanta. 12-13 April 1962, Atlanta. **Proceedings...** Atlanta: Georgia Institute of Technology, 1962. (Sponsored by the National Science Foundation).
- ELIAS, N. **La Societé des Individus**. Paris: Fayard, Pocket. Coll. Agora. n°163, 1991.
- FERREIRA, A. B. H. **Minidicionário da língua portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- FREIRE, B. M. J. **Paixão de (in)formar: práticas alfabetizadoras no Programa Tijolo sobre Tijolo - Projeto Escola Zé Peão em canteiros de obras**. João Pessoa, 1999. Dissertação (Curso de Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal da Paraíba.
- GANDEL, P. B. Libraries: standing at the wrong platform, waiting for the wrong trains? **Educause review**, p.10-11, nov. / dec. 2005.
- GARCIA, J. C. R. Conferências do Georgia Institute of Technology e a ciência da informação: de volta para o futuro. **Informação & Sociedade: estudos**, João Pessoa, v.12, n.1, jan. / jun. 2002.
- GOMES, H. F.; PRUDÊNCIO, D. S.; CONCEIÇÃO, A. V. A mediação da informação pelas bibliotecas universitárias: um mapeamento sobre o uso dos dispositivos de comunicação na web. **Informação & Sociedade: estudos**, João Pessoa, v.20, n.3, p.145-156, set. / dez. 2010.
- VILLAVICENCIO, N. G. F. Servicios de referencia em bibliotecas universitárias: tendências y plan de marketing. **El profesional de la informacion**, v.21, n.6, p. 567-576, nov./dic. 2012.

- HOLLIDAY, O. J. **Para sistematizar experiência.** João Pessoa: Ed. Universitária / UFPB, 1995.
- KILZER, R. Reference as service, reference as place: a view of reference in the academic library. **The Reference Librarian**, v.52, n. 4, p.291-299, 2011.
- LANGAN, K. A. Training millennials: a practical and theoretical approach. **Reference services review**, v.40, n.1, p. 24-48, 2012.
- LARDELLIER, P ; MELOT, M. (Dir.) **Demain, le livre**, Paris: L'Harmattan, 2007.
- LEBERT, E. BONNIEL, J.(Dir.). **Les conteurs: emergence d'une profession.** Université de Lyon - Développement Culturel et Direction des Projets, 2000.
- DIAZ, R. L. Um servicio innovador para uma nueva función de la biblioteca pública. In: CONGRESSO NACIONAL DE BIBLIOTECAS PÚBLICAS, 1, 2002, **Actas**. Valencia. Disponível em <[http://www.mcu.es/lab/bibliote/travesia\\_actas/pdf/for\\_449.pdf](http://www.mcu.es/lab/bibliote/travesia_actas/pdf/for_449.pdf)>. Acesso: maio 2013.
- MACEDO, E. F.; GARCIA, J.C.R. Gestion des pratiques des institutions culturelles dans l'État de la Paraíba-Brésil. In: ZLITNI, S.; LIÉNARD, F. (Org.) COLLOQUE INTERNATIONAL ORGANISÉ DU HAVRE. Havre, 5-7 juin 2012. **Actes**. Havre: Editions Klog, 2012.
- MARTELETO, R. M. Cultura da modernidade: discussões e práticas informacionais. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v.23, n. 2, p. 115-137, jul. / dez. 1994.
- MARTINS, M. G.; RIBEIRO, M. L. G. **Serviço de referência e assistência aos leitores.** Porto Alegre: Ed. URGS, 1972.
- McCLURE, C. R.; FRASER, B. T.; NELSON, T. W.; ROBBINS, J. B. **Economic benefits and impacts from public libraries in the state of Florida: final report.** Tallahassee: School of Information Studies, 2000.
- MELOT, M. **La sagesse du bibliothécaire.** Paris, L'oeil neuf, 2004.
- MON, L.; HARRIS, L. E. The death of the anonymous librarian. **The Reference Librarian**, v.52, n.4, p.352-364, 2011.
- MOURA, M. A. Introdução. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **Cultura informacional e liderança comunitária: concepções e práticas.** Belo Horizonte: UFMG / PROEX, 2011.
- SANTOS, J. L. **O que é cultura.** São Paulo: Nova Cultural Brasileira, 1986.
- SCOLARI, C. A. Comunicación digital: recuerdos del futuro. **El Profesional de la Información**, v.21, n.4, jul./ago. 2012.
- SHERMAN, S. Case study of cooperation for library promotion. In: \_\_\_\_\_. **ABC's of library promotion.** 3. Ed. Metuchen, N.J.: Scarecrow Press, 1992, 251p., cap. 12.
- SILVEIRA, F. J. N.; REIS, A. S. Biblioteca Pública como lugar de práticas culturais: uma discussão sócio-histórica. **Inf. & Soc.:Est.**, João Pessoa, v.21, n.1, p. 37-54, jan./abr. 2011.
- SIQUEIRA, J. C. Repensando o service de referência: a possibilidade virtual. **PontodeAcesso**, Salvador, v.4, n.2, p.116-130, set. 2010.
- SYREN, A-P. Vers une bibliothèque de synthèse: architects et blibliothécaires à l'heure du document numérique. In: LARDELLIER, P.; MELOT, M. (Dir). **Demain, le livre.** Paris, L'Harmattan, 2007.
- TAYLOR, R. S. The information sciences. **Library Journal**, v. 88, p. 4161-4162, 1963.
- \_\_\_\_\_. Professional aspectos of information science and technology. **Annual Review of Information Science and Technology**, v. 1, p. 15 - 40, 1966.